



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS (EAD)

Roberval da Silva Ferreira

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: análise de livro didático do 9º  
ano do Ensino Fundamental**

Recife  
2023

Roberval da Silva Ferreira

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: análise de livro didático do 9º ano do ensino  
fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português (EAD), da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do diploma de Licenciado em Letras Língua Portuguesa - Licenciatura.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Lima

Recife

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Ferreira, Roberval da Silva.

Variação Linguística: análise de livro didático do 9º ano do Ensino Fundamental / Roberval da Silva Ferreira. - Recife, 2023.

37 : il., tab.

Orientador(a): Ana Maria Costa de Araujo Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2023.

1. Variação Linguística. I. Lima, Ana Maria Costa de Araujo . (Orientação). II. Título.

410 CDD (22.ed.)

Roberval da Silva Ferreira

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: análise de livro didático do 9º ano do ensino  
fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Letras Português (EAD), da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do diploma de Licenciado em Letras Língua Portuguesa – Licenciatura, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Lima.

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ /2023

---

Profa. Dra. Ana Maria Costa de Araujo Lima / UFPE

---

Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio / UFCG

Recife

2023

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo central investigar como a temática da variação linguística é abordada no livro didático (LD) de Língua Portuguesa (LP), mais especificamente no Manual do Professor da obra “Português: Conexão e Uso”, de Delmanto e Carvalho (2018), direcionado para o 9º Ano do Ensino Fundamental II. Dessa forma, a problemática trazida nesta pesquisa delinea suas reflexões a partir da centralização do ensino de LP de acordo com as aulas da gramática normativa, baseado na dicotomia entre o “certo” e o “errado”. Assim, este estudo se origina da necessidade de explicar o tema da variação linguística no âmbito dos LDs, ressaltando a heterogeneidade linguística como um fator inerente às línguas. Para tanto, utilizamos a técnica de abordagem da pesquisa qualitativa na revisão bibliográfica, uma vez que tecemos uma leitura interpretativa a luz dos exercícios e imagens selecionados do LD escolhido. Vale ressaltar que este trabalho tem como base teórica: Alkmim (2012), Antunes (2003), Bagno (2007), Mollica (2003), Ota (2009), Travaglia (2003), entre outros. Estes serviram como norte para discussão e definição de conceitos importantes dentro da temática da variação linguística. Também, lançamos um olhar crítico sobre as propostas da variação linguística dispostas nos documentos oficiais (PCNs e BNCC). Nesse sentido, entendemos que esses documentos oficiais, corroborando com os teóricos estudados, se opõem a utilização estanque da norma-padrão como única e exclusiva variedade, assim como a desvalorização dos diferentes modos de falar dos estudantes. Por fim, chegamos à conclusão de que a variação linguística é apresentada de modo satisfatório no LD analisado.

**Palavras-chave:** Variação linguística. Livro didático. Documentos oficiais.

## **ABSTRACT**

This research has the main goal to investigate how the topic of linguistic variation is addressed in the Portuguese Language (PL) Textbook (TB). Actually, more specifically in the Teacher's Guide for the work "Português: Conexão e Uso", by Delmanto and Carvalho (2018), aimed at the 9th year of Elementary School II. In this way, the problem raised in this research outlines its reflections based on the centralization of PL teaching in agreement with normative grammar classes, based on the dichotomy between "right" and "wrong". Besides of this, this study originates from the need to explain the topic of linguistic variation within the scope of SB, highlighting linguistic heterogeneity as an inherent factor in languages. To this end, we used the qualitative research approach technique in the literature review, as we weave an interpretative reading in the light of the exercises and images selected from the chosen textbook. It is worth mentioning that this work is theoretically based on: Alkmim (2012), Antunes (2003), Bagno (2007), Mollica (2003), Ota (2009), Travaglia (2003), among others. These served as a guide for discussion and definition of important concepts within the theme of linguistic variation. We also took a critical look at the proposals for linguistic variation set out in official documents (PCNs and BNCC). In this sense, we understand that these official documents, corroborating the theorists studied, in oppositional the rigid use of the standard norm as the only and exclusive variety, as well as the devaluation of the students' different ways of speaking. Finally, we came to the conclusion that linguistic variation is presented satisfactorily in the textbook that was analyzed.

Keywords: Linguistic variation. Textbook. Official documents.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 REFLEXÕES SOBRE LIVRO DIDÁTICO, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA .....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS.....</b>	<b>17</b>
2.2.1 Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) .....	18
2.2.2 Base Nacional Comum Curricular (BNCC) .....	20
<b>4 O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO .....</b>	<b>26</b>
4.1 Conhecendo a proposta do livro didático sobre o trabalho com a variação linguística ...	26
4.2 Análise de atividades.....	28
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Definição do trabalho com a variação linguística	21
Figura 2 - Capa do LD analisado	25
Figura 3 - Estrangeirismo	28
Figura 4 – Estrangeirismo - recorte 2	29
Figura 5 – Processo de criação do neologismo	30
Figura 6 - Neologismo e a variação diastrática/social	31
Figura 7 - Recorte 4	32

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Programa de abordagem da variação linguística na BNCC	21
--	----

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo buscou analisar o fenômeno da variação linguística em um livro didático (LD) de Língua Portuguesa do 9º ano do Ensino Fundamental, a fim de averiguar a existência de preconceito linguístico. Para isso, buscamos descrever o fenômeno da variação linguística na língua portuguesa; demonstrar a proposta dos documentos oficiais (PCNs e BNCC) para o ensino da temática em questão; e indicar, através da análise do LD, os impactos da variação linguística no ensino da língua portuguesa no ensino regular, da educação fundamental. A análise centrou-se no volume da obra dirigido ao professor – o Manual do Professor, uma vez que este sempre traz orientações de ensino que podem não constar no LD dos estudantes. Essas orientações acabam sendo também material de análise.

É importante salientar que o LD escolhido foi aprovado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que há 80 anos exerce um papel fundamental na oferta de livros e materiais didáticos em todas as escolas públicas do Brasil. De acordo com o site do Ministério da Educação e Cultura (MEC), o PNLD é:

destinado a avaliar e a disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. (PNLD. Portal MEC. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>>. Acesso em: 1 de mar. de 2023.)

Sendo assim, lançamos o olhar crítico sobre o livro aprovado por esse Programa por, justamente, atuar como importante ferramenta didática, permitindo acesso à informação e ao conhecimento e possibilitando a formação de indivíduos conscientes de seu papel na sociedade. As obras distribuídas nas escolas podem (ou não) permitir que a democratização de conhecimento e informações ocorra efetivamente. Com isso, podemos, de certa forma, (in)validar as diversas críticas imputadas ao livro didático como, por exemplo, o fato de que é um material produzido em massa e, com isso, não atende as demandas do contexto sociorregional em que o estudante está inserido – é

necessário enfatizar, ainda mais, a questão do preconceito linguístico dependendo do contexto sociorregional.

É importante observarmos que os LDs são utilizados como recursos pedagógicos no contexto educacional do Brasil. Em diversas escolas brasileiras, eles são os principais recursos de que os docentes dispõem (GOMES, 2015). Segundo as pesquisas realizadas por Faraco (2008), Bagno (2007), Gomes (2015), a variação linguística, enquanto fenômeno, é desconhecida, pouco abordada ou abordada de maneira superficial por vários docentes de Língua Portuguesa em sala de aula. Por isso, a inclinação da nossa pesquisa em analisar a abordagem da variação em LDs de Língua Portuguesa do PNL D.

Nesse contexto, esta pesquisa procurou responder ao seguinte problema: Como o fenômeno da variação linguística é tratado em livros didáticos do último ano do Ensino Fundamental, especificamente nos Manuais dos Professores? Para isso, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa, direcionada à análise da abordagem da variação linguística nas propostas didáticas. Apresentam-se, no trabalho, princípios teórico-metodológicos do tipo descritivos (GIL, 2008) e faz-se uma análise documental, com base em autores como: Alkmim (2012), Antunes (2003), Bagno (2007), Mollica (2003), Ota (2009), Travaglia (2015), entre outros.

Após a revisão da teoria, seguimos com a análise das orientações contidas nos documentos oficiais (Base Nacional Comum Curricular e Parâmetros Curriculares Nacionais) sobre o tema da variação linguística. Por último, cruzamos informações dos teóricos estudados com as orientações dos documentos oficiais para analisar como se materializa a questão da variação linguística em uma obra do 9º ano do Ensino Fundamental aprovada pelo PNL D.

A variação linguística compreende um fenômeno que confirma a existência de diversas formas de falar e escrever, sendo consequência de questões regionais, sociais, etárias, profissionais etc., ou seja, situações que colaboram para a multiplicação das várias formas de se falar e escrever. Na verdade, qualquer língua humana manifesta variação, e ter a consciência da variedade linguística implica – para o docente – a adoção de uma visão mais “honesta” da língua, uma vez que ela não é um simples sistema fechado que compreende apenas a norma-padrão, ou aquela escrita representada nos livros literários arcaicos. A língua é diversa e quanto mais mostrarmos essa diversidade na sala de aula, mais combateremos a dicotomia entre o certo/errado e, conseqüentemente, o preconceito linguístico.

Conforme nos ensina Coelho (2007, p. 1), há alguns anos no país, “a variação linguística não existia como objeto de ensino para a maioria dos professores de português”, uma realidade que pode estar sendo modificada paulatinamente com as orientações de documentos como os PCNs e a BNCC. Apesar da mudança, ainda se faz necessário um olhar mais atento nosso, para que o tema seja tratado com maior aprofundamento e importância. E isso é mais uma justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para alcançar os objetivos pretendidos neste trabalho, decidimos organizá-lo em 5 (cinco) seções principais, além desta breve Introdução. Na seção 2, estabelecemos as relações entre o livro didático, a variação linguística e o ensino de língua portuguesa, assim como trazemos, com base nos teóricos estudados, a noção de variação linguística no tópico 2.1. No tópico 2.2, refletimos sobre como os documentos oficiais (PCNs e BNCC) apresentam os caminhos para o trabalho na sala de aula com o assunto da variação linguística. Já na seção 4, lançamos o olhar para a abordagem que o livro didático faz da temática em questão. Por fim, apresentamos as Considerações Finais, nas quais trazemos algumas conclusões que são frutos da análise que empreendemos.

## **2 REFLEXÕES SOBRE LIVRO DIDÁTICO, VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Nesta seção, apresentaremos algumas reflexões acerca dos livros didáticos (LD) e da abordagem da variação linguística. Para tanto, damos ênfase nas mudanças de paradigma que ocorreram na Linguística e no ensino de Língua Portuguesa e em alguns pressupostos teóricos que servem como base do ensino da Língua Portuguesa (LP). Na subseção 2.1, trataremos dos tipos de variação linguística; na subseção 2.2, abordaremos o tratamento da variação linguística em alguns documentos oficiais.

Segundo Marcuschi (2005), com poucas exceções, a maioria dos livros didáticos enfatizavam em suas atividades as regras gramaticais, mesmo nas atividades voltadas à compreensão e produção de textos escritos. Para o autor, a principal preocupação da maior parte dos LDs era o ensino da gramática e a reprodução de informações e estereótipos textuais.

Ainda, como nos ensina Brochenek (2013), o ensino de LP, durante um longo período apoiou-se apenas na gramática normativa, desse modo desconsiderava e excluía as diversas maneiras de falar do estudante, ou seja, não se considerava a heterogeneidade linguística e as formas de falar que se distanciavam do padrão eram consideradas inadequadas e sem prestígio. Assim, o foco era o ensino da gramática normativa, que era feito de maneira descontextualizada, sem se pensar na situação comunicativa nem nos usuários da língua (ANTUNES, 2003).

Travaglia (2015) afirma que a gramática da língua portuguesa tem sido historicamente vista como norma. Isso significa que suas formas de expressão são consideradas o padrão educado. Conseqüentemente, para Bezerra (2010), a gramática é tipicamente ensinada nas escolas brasileiras, que normalmente se concentra em normas e regras prescritas dirigidas por autores renomados. Além disso, também pode se concentrar em analisar partes que compõem um todo e seus propósitos específicos.

O aluno pode sentir como se estivesse aprendendo uma nova língua se a língua que aprendeu difere significativamente daquela a que está exposto. Isso pode causar confusão e levar os alunos a acreditarem que estão aprendendo uma língua completamente diferente. Os professores devem desmistificar esse processo, garantindo semelhanças entre as línguas que os alunos já conhecem e aquela que estão aprendendo (CONCEIÇÃO; PEREIRA, 2017).

Apenas a partir da metade da década de 1990, com as orientações trazidas nos PCNs (BRASIL, 1997/1998), vimos surgir uma nova orientação didática para o ensino de LP, especialmente nos livros didáticos da nossa língua materna. As diretrizes curriculares trouxeram a noção de que o desenvolvimento da competência deveria ser o foco primordial no ensino de LP, fundamentando-se em uma concepção de língua/linguagem vinculada à interação social. Nesse sentido, a BNCC também reforça essa nova perspectiva de ensino. Dessa forma, o texto passa a ser visto como “unidade basilar de ensino”.

Devido aos reflexos dos estudos sociolinguísticos, o cerne dos estudos de LP passou a ser o texto, em função dos seus vários usos sociais (OTA, 2009). As mudanças estabelecidas através das orientações veiculadas pelos documentos oficiais (PCNs e BNCC), nas últimas décadas, têm enfatizado a importância da abordagem da variação linguística relacionada ao ensino de LP, desde o início do ensino fundamental.

É de extrema importância que essas mudanças se reflitam no LD, pois como Ota (2009) nos ensina, o LD é um instrumento educacional, funcionando como ferramenta complementar da prática do professor em aula, contribuindo também para o estudo do aluno individualmente, tanto que, de acordo com o Ministério da Educação (MEC, 2019), o livro didático:

é um importante material de apoio ao processo de ensino e aprendizagem, pois contribui, ao mesmo tempo, para o trabalho do professor e para o estudo do aluno. Embora a prática pedagógica do professor envolva diversas dimensões, como sua pesquisa constante para o aprimoramento de seu trabalho em sala de aula, um livro didático com textos adequados, ilustrações pertinentes e informações atualizadas auxilia no planejamento de ensino. Para que suas possibilidades sejam aproveitadas ao máximo, o livro didático deve estar adequado às necessidades da escola, do aluno e do professor. (MEC, 2019, p. 13)

Existem algumas maneiras de demonstrar a importância do contexto social, em oposição às regras gramaticais, no uso da língua portuguesa. Isso pode ser feito por meio de entrevistas, seminários, diálogos com autoridades e recriações dramáticas. Ao fornecer aos alunos exemplos reais de uso da linguagem em vários contextos, eles podem entender melhor que a gramática é apenas uma faceta da linguagem (VIEIRA, 2018).

Em vez disso, é culturalmente significativo devido à sua história e implicações na sociedade – um entendimento que muitos professores não têm devido à sua falta de formação sociolinguística. Isso ocorre porque esse conhecimento não é reciclado ou

atualizado, e alguns professores não têm compreensão prática sobre o ensino eficaz sem referenciar as regras gramaticais (RAMOS; SILVA, 2022).

Todos os anos, novos profissionais do ensino são educados sobre a importância de respeitar a diversidade linguística. As aulas discutem sobre como respeitar as diferenças na linguagem pode melhorar a cultura da sala de aula e incentivar os alunos a valorizar as diferenças uns dos outros. Como resultado dessas discussões, as salas de aula que usam linguagens estritamente gramaticais mudaram para outras que abraçam a diversidade linguística e o respeito (FONSECA; ALMEIDA, 2022).

## 2.1 TIPOS DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Um bom ensino de línguas envolve a compreensão dos alunos sobre sua língua nativa e a importância crítica de se impor em qualquer situação. Isso permite que eles explorem o mundo de novas maneiras e vejam diferentes perspectivas. Ter acesso a uma grande variedade de textos em diferentes gêneros e formas escritas permite que os alunos explorem ainda mais sua nova visão do mundo (VIEIRA, 2018).

Cada discurso requer um contexto e estrutura diferentes. Por essa razão, todo orador pode ter um discurso considerado apropriado em uma situação, mas inadequado em outra. Isso ocorre porque a cultura e os grupos sociais do falante – incluindo sua idade, gênero e etnia – afetam o que ele diz. Qualquer coisa dita inadequadamente não é errada nem inferior; simplesmente não é adequado para a situação atual (JÚNIOR; ROWEDER, 2021).

Nesse sentido, compreendemos a variação linguística como um princípio geral e universal de todas as línguas, suscetível de ser descrita e analisada cientificamente (MOLLICA, 2003). Acreditamos que, além de um fenômeno linguístico, a variação também é uma prática de linguagem que toma forma na interação social, ou seja, nas ações de fala ou de escrita (GOMES, 2015).

De acordo com Alkmim (2012), existem vários fatores que interferem na variação linguística. Assim, os quatro tipos de variação mais explorados nos LDs são: *variação diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica*.

A *variação diacrônica ou histórica*, segundo Marinho e Costa Val (2006), origina-se no processo natural de mudança e evolução das línguas com o passar do tempo. Esse tipo de variação fica evidente na forma de falar de idosos e nos textos escritos de épocas anteriores a nossa. Consiste, basicamente, em uma variação dialetal que na atualidade caiu em desuso, mas que reflete um aspecto histórico.

A *variação diatópica ou geográfica* se refere ao conjunto de variedades identificável na fala do indivíduo pertencente a diversas regiões geográficas. Dessa forma, é possível encontrar no âmbito lexical, fonético-fonológico, morfossintático, etc., diversidades quanto ao uso da língua. No âmbito lexical, por exemplo, percebemos que falantes originários de alguns lugares do Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, usam “abóbora”, enquanto nas regiões Norte e Nordeste o termo usado é “jerimum”.

Por sua vez, a *variação diastrática ou social* se materializa nas diferenças linguísticas fruto de estratificações na identidade social dos falantes, como é o caso da

identidade, da classe social, do sexo, do nível de escolarização, dentre outros. Nesse sentido, de acordo com Camacho (1978), o uso do diminutivo, como em “fininho”, “bebezinho”, “bonitinho” é um comportamento linguístico mais usual pelo indivíduo do sexo feminino do que masculino.

No tocante à variação *diafásica, estilística* ou ainda de *registros*, ela se refere à ação do falante em tentar ajustar seus comportamentos linguísticos em função do contexto de interação, da identidade social dos seus interlocutores, assim como dos seus e dos interesses dos seus ouvintes etc. (LABOV, 1966; BELL, 1984).

Vale salientar que, embora tenhamos optado por explicar os tipos de variação linguística de maneira separada, as fronteiras entre essas formas nem sempre são bem definidas, uma vez que “onde termina uma e onde começa a outra e qual a prevalência de uma sobre a outra” (ARAGÃO, 2010, p.37) são preocupações comuns aos teóricos desde o início dos estudos sobre tais fenômenos.

Ainda, de acordo com Bagno (2007), existem alguns fatores extralinguísticos que exercem influência nas mais diversas formas de usos linguísticos, ou seja, que contribuem para a variação linguística: status socioeconômico, origem geográfica; sexo, idade, grau de formação, mercado de trabalho, redes sociais. Estes fatores, assim como outros, devem ser considerados pelo livro didático de Língua Portuguesa, ao abordar a questão da variação linguística.

A variação linguística e todos os seus aspectos são questões muito discutidas, tanto no espaço acadêmico como na sala de aula. Dessa forma, percebemos avanços bem significativos realizados nas últimas décadas, visto que as orientações referentes a essa temática trazidas através dos PCNs e, posteriormente, através da BNCC, objetiva garantir o cumprimento das demandas previstas nas diretrizes e orientações oficiais (BAGNO, 2007).

## **2.2 A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NOS DOCUMENTOS OFICIAIS**

Com o surgimento de documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e, posteriormente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), percebemos o deslocamento da tradição gramatical prescritiva como ponto principal, focada em apenas homogeneizar normas do “bem escrever e falar”, para a valorização da experiência do estudante, a partir das práticas sociais nas quais estão inseridos, em diferentes eixos, como a oralidade e a escrita, por exemplo. Nesse sentido, acreditamos

ser importante analisar, de forma sucinta, como esses documentos orientam a abordagem do ensino da variação linguística e, ao mesmo tempo, servem como justificativa para incluir essa temática nos currículos escolares.

### 2.2.1 Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

Quando concebidos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) introduziram nas aulas de língua portuguesa (LP) uma nova concepção de língua, de leitura e de escrita, possibilitando aos professores novas opções teórico-metodológicas para reorganização das práticas pedagógicas. Nesse sentido, a variação linguística é colocada em cena, sendo assunto abordado por todo os PCNs, conforme apontado pelas seguintes orientações:

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1997/1998, p. 31).

Ainda, no mesmo documento, encontramos uma definição de variação como sendo inerente as línguas humanas, em todos os níveis, e com sua existência independente de qualquer ação normativa. Nessa perspectiva, segundo o PCNs, o que chamamos de “língua portuguesa” é, de fato, a materialização de muitas variedades (BRASIL, 1997/1998, p. 29).

Sendo assim, fica evidente o reconhecimento, por parte deste documento, de que a língua é variável, não sendo necessária a utilização estanque da norma-padrão como única e exclusiva variedade, tampouco a desvalorização dos diferentes modos de falar dos estudantes.

Assim, os PCNs oferecem para o ensino de língua materna

uma nova abordagem que tem como propósito desenvolver e expandir a competência comunicativa dos usuários da língua, de modo a lhes garantir o emprego da Língua Portuguesa em diversas situações de comunicação, e produzindo e compreendendo textos que interagem com eles, cotidianamente, em situações diversas de interação comunicativa (BRASIL, 1997/1998, p.34).

Também, como uma forma de reconhecimento de que os professores são seres sociais, dotados da capacidade de interação em vários meios, e levando em conta o papel fundamental da linguagem nesse contexto, a escola tem o papel de abranger o processo de diálogo. Diante disso, conhecer a língua portuguesa e conhecer suas variedades é um critério importante para o processo de inclusão do indivíduo no âmbito social.

Assim, os PCNs propõem as seguintes atividades didáticas:

<input type="checkbox"/> Transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete, para permitir identificação dos recursos linguísticos próprios da fala;
<input type="checkbox"/> Edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita;
<input type="checkbox"/> Análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas; Levantamento das marcas de variação linguísticas ligadas a gênero, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes;
<input type="checkbox"/> Elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
<input type="checkbox"/> Estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade em análise;
<input type="checkbox"/> Comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (por exemplo, uma matéria sobre meio ambiente para uma revista de divulgação científica e outra para o suplemento infantil);
<input type="checkbox"/> Comparação entre textos sobre o mesmo tema, produzidos em épocas diferentes;
<input type="checkbox"/> Comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
<input type="checkbox"/> Comparação entre um texto original e uma versão adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;
<input type="checkbox"/> Comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (um artigo para uma revista acadêmica e outro para uma revista de vulgarização científica);
<input type="checkbox"/> Análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos;
<input type="checkbox"/> Análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito linguístico;
<input type="checkbox"/> Análise comparativa entre registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional.

FONTE: (BRASIL, 1997/1998, p.82-83).

Conforme já explicamos anteriormente, diversas são as propostas dos PCNs que abrangem o fenômeno da variação linguística. Dessa forma, faz-se necessário a escola incluir em seu currículo as propostas desse documento, assim como trabalhar com materiais didáticos (como o LD) que também incluam essas orientações descritas. Nesse sentido:

A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1997/1998 p. 29).

Vale lembrar, ainda, que falar sobre as variações linguísticas é ter a consciência do dever de respeitar as diversas formas de falar (e de escrever) dos estudantes. Isso não quer dizer que devemos negar ou desrespeitar o ensino da norma culta, aquela que é mais privilegiada socialmente. Essa norma deve ser ensinada e trabalhada na escola como mais uma das formas variantes da língua.

### 2.2.2 Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

Como vimos no tópico anterior, os PCNs trazem a concepção de língua/linguagem como um fenômeno social, sensível às pressões de uso e, portanto, não fixo e sujeito a vários tipos de variação. A BNCC, documento mais recente do que os PCNs, segue na mesma linha e retira o foco do “certo ou errado”, mostrando-nos meios para a construção de um currículo com atividades voltadas à investigação da variação linguística e seus impactos sociais.

Assim, podemos dizer que a BNCC traz uma proposta de não centralidade do ensino de gramática normativa na escola. Ao contrário disso, preconiza o ensino da leitura e da escrita, partindo das práticas de multiletramentos transpassadas por diversos eixos de ensino e por diferentes campos de atuação. Nesse contexto, percebemos um esforço do documento, com essa proposta dos letramentos, em incentivar o desenvolvimento de habilidades e competências para refletir sobre o uso da língua para além das regras, com isso, formando sujeitos críticos e reflexivos na sociedade. Esse objetivo é alcançado através da valorização da experiência do estudante, partindo das práticas sociais que o permeiam, em diversos eixos, como a escrita e a oralidade, por exemplo.

Como consequência, a oralidade passa a ser um eixo de ensino produtivo, com o intuito de que os alunos analisem a força expressiva da comunicação oral cotidiana em diferentes gêneros, suportes ou eventos, assim como inquiram como acontece a variação na língua. Nesse sentido, o estudante terá a possibilidade de entender os meios específicos de organização, tanto da escrita quanto da oralidade, devido a seus efeitos de sentido no social. A BNCC, ao assegurar o tratamento com as “várias linguagens”, dá-nos indícios de que o trabalho com a variação linguística terá espaço de destaque.

Mais especificamente, acerca do trabalho com a variação linguística, a BNCC orienta o seguinte:

**Figura 1 - Definição do trabalho com a variação linguística**

<b>Varição linguística</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.</li> <li>• Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica.</li> </ul>
----------------------------	---

Fonte: Brasil, 2017

Ainda, na definição das “competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental, temos mais uma confirmação da perspectiva pela qual o tema da variação será abordado: “compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos” (BRASIL, 2017).

Na tabela 1, abaixo, temos o programa de abordagem da variação linguística para o Ensino Fundamental, perpassando as práticas de linguagem: oralidade e produção de texto, conforme já explicamos:

Tabela 1 - Programa de abordagem da variação linguística na BNCC

ANO	PRÁTICAS DE LINGUAGEM	OBJETOS DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
3º ao 5º	ORALIDADE	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas

			variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.
6º ao 9º	PRODUÇÃO DE TEXTO	RELAÇÃO ENTRE TEXTOS	(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romaneadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática.
6º ao 9º	ANÁLISE LINGUÍSTICA/ SEMIÓTICA	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico. (EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.
9º	ANÁLISE LINGUÍSTICA/ SEMIÓTICA	VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	(EF09LP12) Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso.

Fonte: Brasil, 2017

Assim, como podemos perceber na tabela acima, as habilidades em geral objetivam promover uma aprendizagem que considera “os contextos” e as “situações sociais” que constam tanto nos exercícios de produção de textos quanto em eventos de oralidade. Nessa linha, refletir e conhecer os contextos de produção, os gêneros e os efeitos de sentido produzidos nas práticas sociais referem-se a aptidões de reflexão sobre textos produzidos pelo próprio estudante, ou por outro(s) autor(es).

Como é possível perceber, o trabalho com os gêneros e com o texto é o ponto de partida para que os estudantes percebam as “diferenças em termos formais, estilísticos e linguísticos” e construam, a partir disso, uma reflexão sistemática sobre a interface

oralidade/escrita/análise linguística e semiótica, assim como sistematizem seus conhecimentos e habilidades de como agir nessas práticas.

Por último, ao estabelecer o uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em contexto de fala e escrita nas quais deve ser usada, a BNCC oferece ao docente a possibilidade de orientar o estudante em relação aos usos linguísticos conforme as situações sociocomunicativas. Consequentemente, o professor deve orientar o estudante quanto à relevância do emissor/receptor do texto no que se refere ao uso mais formal ou menos formal da língua.

Também, a habilidade “Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada” (EF69LP56) permite que o docente mostre ao estudante que os textos orais nem sempre serão concebidos como uma atividade não planejada, uma vez que eles podem exigir uma organização prévia, a exemplo de textos orais como apresentação de seminários.

Assim, ao longo de todo o nível fundamental, a proposta da BNCC é de que o ensino da variação linguística, transversal a todos os eixos de ensino, não escanteie o sistema de normas da norma culta, mas promova, a partir dele, uma visão crítica e reflexiva em relação à tentativa de homogeneização linguística do nosso país.

### 3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Neste trabalho, utilizamos a abordagem qualitativa, tendo em vista que lançamos o olhar na análise interpretativa a partir dos exercícios e imagens presentes no livro didático (LD) selecionado. Em outras palavras, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa direcionada à análise da abordagem da variação linguística em proposta didática. O trabalho também é de cunho descritivo (GIL, 2008) e a análise que se faz é prioritariamente documental.

De acordo com Ludke e André (1986), a técnica de análise de documentos é valiosa, uma vez que os documentos se transformam em fontes de informação estáveis que podem permanecer registradas ao longo de muito tempo. Sendo assim, esses documentos podem ser consultados diversas vezes, proporcionando maior estabilidade aos resultados alcançados durante a vigência da pesquisa.

Ainda segundo Severino (2007, p. 122-123), a pesquisa documental se realiza por meio de fontes diversas, como “documentos no sentido mais amplo, ou seja, não só documentos impressos, mas sobretudo outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais”. Assim, os PCNs e a BNCC são documentos legais legitimados pelo Ministério da Educação, ou seja, trata-se de textos institucionalizados.

Dessa forma, com embasamento teórico em autores como Alkmim (2012), Antunes (2003), Bagno (2007), Mollica (2003), Ota (2009), Travaglia (2003) e outros, discorreremos sobre a variação linguística e sobre os modos como esse tema é abordado em um livro didático.

Além disso, lançamos luz sobre as definições e orientações dadas nos documentos oficiais (BNCC e PCNs) sobre o trabalho com o tema da variação linguística. A escolha metodológica de realizar uma abordagem por meios desses documentos oficiais em específico se justifica por serem eles a grande base norteadora das práticas de ensino nas escolas brasileiras. Além disso, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi aprovada em dezembro de 2018, mesmo ano da publicação do livro didático analisado, pareceu-nos importante saber até que ponto o livro traz as definições e orientações da BNCC.

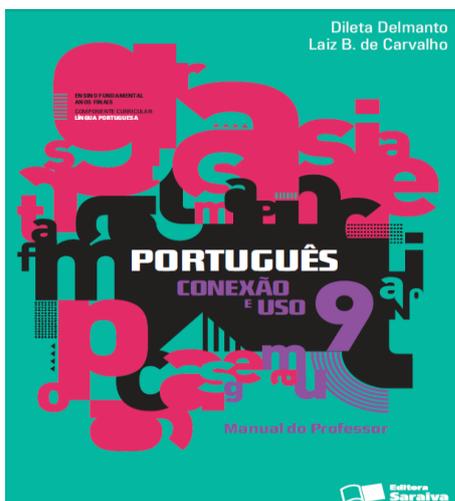
Assim, foi possível fazer um cruzamento entre a teoria, as orientações dos documentos oficiais e a prática materializada no LD, a partir de um olhar crítico sobre os textos e exercícios apresentados em uma obra utilizada diariamente em sala de aula.

A análise da variação linguística foi realizada em um LD de Língua Portuguesa (LP), do 9º ano, selecionado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2020, com validade até 2023. O acesso à obra se deu de maneira gratuita através do site programa e-docente (link: <https://www.edocente.com.br/pnld/2020/>). Mais especificamente, o LD selecionado é “Português: conexão e uso - 9º ano”, de Delmanto e Carvalho (2018), volume Manual do Professor, que, de acordo com as diretrizes do PNLD e da BNCC, atende ao ensino fundamental anos finais, no componente curricular da Língua Portuguesa.

Foi selecionada a primeira edição do livro sequenciado da coleção “Português: conexão e uso”, da editora Saraiva, do ano de 2018, direcionada aos alunos do ensino fundamental do 9º ano, como exposto acima. Os critérios para a seleção do livro foram: disponibilidade, gratuidade e conveniência. No tocante à escolha do Manual do Professor, essa se deu devido às orientações que os autores costumam introduzir neste tipo de material.

Abaixo, apresentamos a imagem do LD selecionado para análise.

Figura 2 - Capa do LD analisado



Fonte: Delmanto e Carvalho (2018)

Na seção 4, a seguir, trazemos a análise que fizemos desse material didático, visando compreender que tratamento a obra confere ao fenômeno da variação linguística.

## 4 O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO DIDÁTICO DO 9º ANO

Como já esclarecemos, o livro escolhido para análise foi “Português: conexão e uso” (Manual do Professor), do 9º ano do ensino fundamental, das autoras Delmanto e Carvalho (2018).

### 4.1 Conhecendo a proposta do livro didático sobre o trabalho com a variação linguística

Em suas primeiras páginas, o livro didático (LD) explica como será a abordagem didática para trabalhar os eixos temáticos e as teorias que orientam seu conteúdo. Nesse sentido, percebemos que o tema da variação linguística aparece pela primeira vez no tópico denominado “o trabalho com a análise linguística e semiótica na coleção”.

As autoras explicam que “além das competências específicas de Linguagens e da Língua Portuguesa, que orientam o trabalho com a análise linguística e semiótica, e das experiências prévias dos estudantes”, o objetivo central do LD referente à variação é: “reconhecer e compreender a variação como inerente a todas as línguas (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. xxi).

Ainda segundo o LD, o tema da variação linguística será abordado na subseção “**Recursos expressivos**” e, como sendo um objeto de ensino, também é explanado na seção “**A língua não é sempre a mesma**”. Também na seção “**Fique atento**”, as autoras trazem o foco na questão da variação linguística, “além de habilidades de escrita mais específicas ligadas aos conhecimentos linguísticos e gramaticais que favorecem o aperfeiçoamento da produção textual sempre que o contexto exigir o uso da norma-padrão” (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. xxvi). Assim, o LD define a variação linguística com base na explicação do linguista Ataliba T. de Castilho. Segundo as autoras,

considerando a língua um fenômeno intrinsecamente heterogêneo e o fato de seus usuários atuarem em diferentes espaços, deixando marcas em seus usos, [Castilho] propõe a respeito da diversidade e heterogeneidade do português brasileiro o seguinte conjunto de variações linguísticas:

- variação geográfica: correlação entre a região de que procedem os falantes e as marcas de sua produção linguística, dando origem à variedade geográfica ou regional.

- variação sociocultural: correlação que se estabelece entre os fatos linguísticos e o espaço social em que se movem os falantes, dando origem às variedades culta e não culta (ou popular).
- variação individual: registro de acordo com a familiaridade entre os interlocutores, a idade, o sexo: linguagem formal e linguagem informal/coloquial (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. xxi).

Além dessas variações, o LD informa que trará em seu conteúdo a abordagem da variação histórica ou diacrônica.

Na seção “a língua não é sempre a mesma”, as autoras explicam que têm por objetivo “desenvolver nos alunos a compreensão do fenômeno da variação linguística de maneira científica” (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. xxvi), ou seja, concebem a variação como um fenômeno comum às línguas. Além disso, informam que o contexto de produção e circulação dos usos da língua e os efeitos de sentido que trazem ao texto serão avaliados, assim como o trabalho com a rejeição do preconceito linguístico.

Seguindo com as explicações, o LD nos informa que a “variação linguística é trabalhada em todos os eixos em gêneros relacionados a todos os campos de atuação ao longo da coleção”. Serão exploradas as variedades linguísticas: “do português do Brasil, português de Portugal e de alguns países africanos de língua portuguesa”. Ainda, segundo as autoras:

As atividades focam o emprego da variedade histórica, variedade geográfica (distintas regiões brasileiras, português do Brasil e português de Portugal e dos países africanos de língua portuguesa), os registros (formal ou informal e suas nuances), a norma-padrão e não padrão, empregadas de acordo com a situação de comunicação (por exemplo, nos casos de regência verbal e colocação pronominal típica do português do Brasil) e que envolvem variáveis como idade, gênero, escolaridade, origem, etc. São explorados também o jargão, o uso de gíria e de expressões coloquiais principalmente, quando oportuno, em textos do campo dos estudos e pesquisas, por exemplo, nos gêneros relacionados à divulgação científica e ao campo jornalístico-midiático em textos digitais (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p. xxi).

Por fim, as autoras do LD trazem, em suas propostas de atividades, um alinhamento do trabalho com a variação linguística de acordo com o que preconizam os teóricos que estudamos nos capítulos anteriores e os documentos oficiais.

## 4.2 Análise de atividades

Foram selecionados alguns trechos do livro, para realizar a análise sob a ótica dos objetivos do trabalho, da aplicação da teoria, do que preconizam os documentos oficiais e da própria orientação trazida pelas autoras.

Na figura 4, extraída da seção “reflexão sobre a língua” – empréstimos: os estrangeirismos - do LD analisado, podemos observar que através do gênero textual tira, as autoras trazem exercícios com uma abordagem da variação diacrônica/histórica e diastrática/social.

Figura 3 - Estrangeirismo

1. Leia a tirinha a seguir.



GALHARDO, Caco. Chico Bacon Pizzaiolo. Blog do Galhardo. Disponível em: <http://blogdogalhardo.zip.net/images/daquiri107.png>. Acesso em: 8 jul. 2018.

1. b) O personagem atende o telefone com a expressão facial aparentemente calma, depois ele se irrita e termina calmo, satisfeito com sua resposta, conforme sugerem suas sobrancelhas.
- a) Qual é a função do destaque em negrito nas palavras que estão nos balões de fala?  
Direcionar a leitura para o foco central da tirinha e indicar expressividade na fala.
- b) Observe a expressão facial do personagem da tira. Como ela muda ao longo dos quadrinhos?
- c) Como é possível entender o humor provocado pela fala do personagem no último quadrinho?
- d) Qual é o tema do texto? O uso de estrangeirismos, palavras de outras línguas na língua portuguesa.
- e) Que avaliação o texto apresenta em relação ao uso de palavras estrangeiras? Explique.  
Crítica por meio da ironia e do humor o excessivo uso de estrangeirismos no português do Brasil.
- f) A palavra **telepizza** é composta pelo prefixo **tele-** e a palavra **pizza**. Faça uma lista de palavras de seu cotidiano que levam esse prefixo e tente identificar o significado que ele acrescenta às palavras. Possibilidades: **Telefone, telégrafo, televisão, teleobjetiva**. Espera-se que os alunos identifiquem que o prefixo **tele** significa “a distância”.

Fonte: Delmanto e Carvalho (2018, p. 24).

Embora, não sendo as fronteiras entre as diversas formas de variação linguística nem sempre tão bem estabelecidas - como nos ensina Aragão (2010) -, podemos observar que a questão do estrangeirismo, ou seja, o uso de palavras emprestadas de outros idiomas, possui suas origens na história da humanidade. Ele é determinado também por um contexto sociopolítico, uma vez que as palavras estrangeiras que utilizamos no Brasil são originárias de países que exercem alguma influência cultural sobre os demais. Então os acontecimentos históricos como a Revolução Industrial, a Globalização, a inserção das

Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), entre outros eventos, se refletiram também na língua.

E, justamente, a variação diacrônica/histórica vai nos trazer essa noção da mudança da língua ao longo da história. Assim, as autoras trazem essa perspectiva através da abordagem da questão do “estrangeirismo”. Como se nota na figura 4, o termo “entrega” foi substituído pelo inglês “delivery”, que em tradução livre significa entrega, no mesmo contexto da língua portuguesa.

Esse exemplo de variação linguista é exposto para os discentes do 9º ano como uma forma de demonstrar que existem várias formas de expressar a mesma ideia, e que, por vezes, ela vem remodelada por termos estrangeiros, justamente para que o aluno possa aguçar o seu senso crítico quanto ao uso da língua estrangeira, sabendo que existem palavras de outras línguas que possuem o mesmo significado em português.

Nessa perspectiva, notamos a partir da figura 5, mais especificamente no item “b”, uma tentativa das autoras em construir um pensamento crítico sobre o uso excessivo do “estrangeirismo”, quando temos na nossa língua materna palavras que poderiam ser utilizadas, como por exemplo seria possível substituir a palavra “workshop” por “curso” e “combat” por “combate”, conforme sugestão de resposta para letra “b” oferecida pelo próprio LD.

Figura 4 – Estrangeirismo - recorte 2

8. A cultura em que nascemos é fator de identidade da nação e o uso do mesmo idioma e suas variantes é um fator que une a comunidade. Observe o cartaz ao lado.
- a) No cartaz, há uso de vários estrangeirismos. Por que isso acontece?
- b) Fora os nomes das bandas, você conhece o significado de todas essas atividades? Cite algumas delas. Existem, em português, palavras que poderiam ser empregadas no lugar desses estrangeirismos?
- c) Muitas pessoas acreditam que a presença de palavras importadas – ou seu excesso – pode gerar a desagregação ou empobrecimento da língua e comprometer a identidade nacional. O que você pensa sobre isso?
- Resposta pessoal.



TORRES NOVAS – Dealema, conferências e desporto no Festival da Juventude. Rádio Hertz, 4 abr. 2017. Disponível em: <<https://radiohertz.pt/torres-novas-dealema-conferencias-e-desporto-no-festival-da-juventude/>>. Acesso em: 13 set. 2018.

8. a) Como se trata de um cartaz para divulgar um festival de atividades e práticas esportivas, muitos tipos estão presentes, originários de vários países, com denominação na língua de origem.

Fonte: Delmanto e Carvalho (2018, p. 28).

Também ainda sobre o gênero textual cartaz (figura 5), nota-se um grande apelo à utilização da língua estrangeira, como se os jovens estivessem habituados a ela ou a aceitem com mais facilidade, bem como pode ser utilizada como estratégia estilística para atrair a atenção desse público. No encarte é possível contar 40 palavras, das quais 12 são de língua estrangeira, o que mostra que a opção por palavras estrangeiras é uma estratégia que atrai os jovens.

Nesse contexto é que as autoras trazem as reflexões referentes a variação diastrática/social, no sentido de o uso (ou não uso) do estrangeirismo depender muito da classe social do indivíduo, por ser, geralmente, fator determinante de maior ou menor contato com a educação formal e maior ou menor contato com tecnologias e viagens que viabilize, por exemplo, o acesso a um idioma estrangeiro; fatores sociorregionais, entre outros.

Também, vale salientar que o LD aborda, por meio de vários gêneros textuais (canção, cartaz, crônica, tirinha, etc.), a questão da variação linguística sempre associada a interpretação textual.

Como vimos no tópico da análise dos documentos oficiais (PCNs e BNCC), existe a orientação que destaca a importância de o estudante reconhecer a língua como um sistema vivo e estruturado; a necessidade do aluno se apropriar dos recursos linguísticos relacionados aos diversos níveis de estruturação da língua para escrita e leitura planejadas e significativas; e, como conhecedor desses recursos, os falantes podem construir a própria língua entendendo o fenômeno da variação linguística.

Nesse sentido, avançando para o segundo capítulo, no tópico “reflexão sobre a língua – outros processos de enriquecimento da língua –”, em que é apresentado as reflexões acerca do **neologismo**, definido pelo próprio LD como “inovações linguística que podem ser de conhecimento coletivo ou de uso particular de um autor” (DELMANTO; CARVALHO, 2018, p.39).

Figura 5 – Processo de criação do neologismo

**Neologismos** são inovações linguísticas; podem ser de conhecimento coletivo ou de uso particular de um autor. Alguns se fixam na língua, outros, não. Podem surgir de:

- criações a partir do sistema linguístico: lava-lava, verdacento, sem-teto, sem-terra;
- palavras antigas com novos sentidos: mala (pessoa inconveniente);
- criações literárias: abensonhada (palavra criada pelo escritor Mia Couto);
- criações populares: pivete.

Fonte: Delmanto e Carvalho (2018, p. 39)

Conforme podemos verificar a partir da definição do processo de criação do Neologismo (figura 6), essa discussão ainda se situa no âmbito da variação linguística diacrônica/histórica, que estuda a língua a partir da observação de dois momentos históricos: é o caso da criação dos neologismos a partir de uma nova significação de uma palavra que caiu em desuso.

Mas também, a partir da figura 6, letra “b”, percebemos a materialização da variação diastrática/social, uma vez que foca nas diferenças linguísticas, fruto de estratificação social dos falantes, trazendo para o debate o modo de falar que se realiza na informalidade.

Figura 6 - Neologismo e a variação diastrática/social

#### 4. Leia o fragmento de um romance juvenil.

Começou. Uma correria. Ir pra loja com os cadernos, estudar no meio do almoço, tomar um banho voando, engolir um jantar expresso e correr pra escola. Primeiro sentei com a moçada do fundão: Agatha, Ré, Sil, Jô e mais um bando. Depois percebi que só saía papo e que não conseguia ouvir nada. Pulei pra turma do gargarejo.

ANDRADE, Telma Guimarães Castro. *Rita-você-é-um-doce*. São Paulo: Atual, 2005.

- O narrador inicia o trecho com “Começou”. Pelo contexto, a que se refere essa indicação? O que começou? *Espera-se que os alunos respondam que provavelmente o narrador se refere ao período de aulas.*
- Observe as palavras e expressões destacadas. Elas são próprias da linguagem informal. Explique cada uma delas.
- Em sua opinião, palavras e expressões como essas podem ser consideradas neologismos?  
*Resposta pessoal.*

Fonte: Delmanto e Carvalho (2018, p. 40)

Nesse sentido, “o ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção” (BRASIL, 1997/1998, p. 31). O enunciado da letra “b” traz essa reflexão sobre a possibilidade de palavras ou expressões que são próprias da linguagem informal, mas isso não as torna “erradas”, apenas mais próprias para serem utilizadas em determinado contexto.

Na figura 7, o texto é utilizado para representar a sonoridade da língua brejeira, como um recurso linguístico, próprio da variação linguística.

Figura 7 - Recorte 4

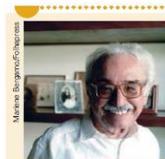
No poema a seguir, o poeta Manoel de Barros imagina o eu poético como diferentes objetos do cotidiano, comparando-se a esses objetos para tentar captar a forma de sentir e experimentar o mundo. Primeiro, faça uma leitura silenciosa para captar os sentidos das palavras e imagens que o poema evoca. Depois, ouça a leitura do professor para observar os aspectos sonoros do poema e o que eles sugerem a você.

Durante a leitura, tente descobrir o sentido das palavras desconhecidas pelo contexto em que elas aparecem. Se for preciso, consulte o dicionário.

Sobre meu corpo se deitou a noite (como se eu fosse um lugar de paina).  
Mas eu não sou um lugar de paina.  
Quando muito um lugar de espinhos.  
Talvez um terreno baldio com insetos dentro.  
Na verdade eu nem tenho ainda o sossego de uma pedra.  
Não tenho os predicados de uma lata.  
Nem sou uma pessoa sem ninguém dentro – feito um osso de gado  
Ou um pé de sapato jogado no beco.  
Não consegui ainda a solidão de um caixote – tipo aquele engradado de madeira que o poeta Francis Ponge fez dele um objeto de poesia.  
Não sou sequer uma tapera, Senhor.  
Não sou um traste que se preze.  
Eu não sou digno de receber no meu corpo os orvalhos da manhã.



BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010. p. 365.



**Manoel Wenceslau Leite de Barros** (1916-2014), nascido em Cuiabá, Mato Grosso, foi um dos principais poetas brasileiros da atualidade. Escreveu versos inspirados na natureza que o cercava, nos quais elementos regionais se fundiam a reflexões universais. Publicou seu primeiro livro de poesias, *Poemas concebidos sem pecados*, em 1937. Entre outras obras publicadas estão *Retrato do artista quando coisa* (1998) e *O fazedor de amanhecer* (2001).

Fonte: Delmanto e Carvalho (2018, p. 50).

O texto apresenta ao leitor um estilo de escrita que se assemelha à fala da população do interior. No texto, o eu poético faz referência a objetos do cotidiano, como paina, osso de gado, tapera. O poema mostra a simplicidade do homem do campo, sem apresentá-lo em uma expressão de inferioridade ou de ignorância, muito pelo contrário; ele mostra que o homem do campo tem sentimentos, sabedoria, uma visão particular do mundo. Longe de retratar o homem do campo com preconceito, o poema reproduz a maneira de falar típica de um segmento populacional e apresenta ao leitor parte do universo do homem do campo, com seu acervo lexical e seu sotaque brejeiro.

Nesse caso, estamos diante de uma abordagem que traz ao centro das discussões a variação diatópica/geográfica, uma vez que encaminha o discente para refletir sobre o conjunto de variedades identificável na fala do indivíduo pertencente a uma determinada região (o campo).

A variação linguística proveniente do processo sociocultural de uma determinada região é um fenômeno positivo para a comunicação daquele determinado grupo, daquela

região, e, logo, deve ser respeitado no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. O que parece ser uma problemática, do ponto de vista do preconceito linguístico, é tentar sobrepor uma determinada variante linguística de uma região específica em relação a outras, sob a alegação de que uma é melhor que a outra.

Acreditar que o único português verdadeiro é a norma-padrão é manter um mito e negar qualquer tipo de diversidade linguística, reificar e incentivar a persistência do “viés linguístico”. O viés linguístico é quando se acredita que há apenas uma língua, visão que encontramos nas gramáticas e dicionários canônicos, que consideram essa variedade a única "correta".

O português não padronizado geralmente aparece nas obras didáticas falado por pessoas marginalizadas, de baixo nível econômico, pessoas que falam o “errado” por falarem uma língua diferente da norma-padrão, criando assim diversos mitos que estão presentes em nossa cultura todos os dias, constitui a linguagem do preconceito. Muitos “erros de português” são apenas formas variantes. Essas diferenças geralmente existem entre a diversidade de uso em casa (a cultura oral dominante), relacionamentos emocionais e informais e culturas de alfabetização (como aquelas promovidas na escola).

Desta forma, se faz necessário que o professor de língua portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental, esteja atento ao fenômeno da variação linguística e suas diversas formas de expressão, bem como à questão do preconceito linguístico, para evitar salientar desigualdades ou sobreposição cultural, próprias do processo de preconceito. E nesse sentido, o LD analisado traz consigo uma proposta de ensino da variação linguística alinhada as orientações dos PCNs e BNCC, assim como as orientações dos teóricos estudados e as abordagens sobre a variação linguística que se propõem a fazer em suas páginas iniciais.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do livro *Português: conexão e uso* (Manual do Professor), do 9º ano do ensino fundamental, das autoras Delmanto e Carvalho (2018), mostrou que a proposta de ensino de língua segue as orientações dos estudiosos da variação linguística, assim como as orientações dos documentos oficiais. Logo, aborda a questão da diversidade linguística, utilizando como ponto de partida a leitura e o estudo dos diversos textos, desde a escrita, produção até a investigação dos aspectos linguísticos. Percebemos que a proposta/prática do LD tem como meta trabalhar os diversos gêneros textuais, considerados como ferramentas de linguagem que se encaixam socio-historicamente nas práticas de leitura e escrita corroborando com a construção do indivíduo.

No tocante ao assunto da variação linguística, percebemos que o LD apresenta atividades que podem favorecer as práticas de letramento no Ensino Fundamental com o desenvolvimento da capacidade de reconhecimento da variação como um fenômeno natural da língua e influenciado por fatores diversos (sociais, histórico, geográficos e situacionais), assim como a apreensão dos vários recursos linguísticos, gramaticais, discursivos, lexicais e das estratégias de ensino objetivam construir as habilidades de uso dos inúmeros recursos linguísticos que sejam adequados aos contextos de interação e comunicação no âmbito social (seja informal ou formal).

Em relação à questão curricular, acreditamos que a temática da variação linguística poderia ser mais aprofundada, principalmente voltada aos fatores que proporcionam a mudança linguística, uma vez que o preconceito linguístico está presente em todas as esferas sociais, sendo atribuição do docente orientar o aluno no sentido de que, da mesma forma que existem pessoas diferentes, há modos de falar diversos, pois a variação não se manifesta de forma desorganizada ou ao acaso.

O LD analisado trouxe para o diálogo questões linguísticas que podem incentivar os docentes de LP a conversarem sobre como os diferentes usos da língua ocorrem nas interações sociais corriqueiras e lutar contra os preconceitos e/ou estigmas que podem aparecer como um reflexo desses usos linguísticos. Além disso, também é possível conduzir os estudantes a pensarem sobre a necessidade de adequação dos usos linguísticos às mais diversas formas de contexto comunicativo, aos participantes da interação e aos objetivos comunicativos.

Para finalizar, destacamos que o tratamento adequado do tema variação linguística, na prática pedagógica, se faz necessário para desconstruirmos o preconceito

linguístico, além de sua abordagem ser uma orientação definida por documentos oficiais como os PCNs e a BNCC.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística (Parte I). In: MUSSALIN, F.; BENTES A. C. (Org.). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012. ALVES, R.; BRUGNEROTTO, T. **Vontade de saber português, 6º ano**. São Paulo: FTD, 2012.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAGÃO. M. do S. **Variantes diatópicas e diastráticas na língua portuguesa do Brasil**. Graphos, João Pessoa, v. 12, n. 2, p. 35-51, 2010.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BELL, A. **Language style as audience design**. Language in Society, v. 13, n. 2, p. 145-201, 1984. <https://doi.org/10.1017/S004740450001037X>
- BEZERRA, M. A.. Ensino de língua portuguesa e contextos teóricometodológicos. In DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997/1998.
- BROCHENEK. S. Variação linguística e letramento: uma discussão necessária. **Língua e Letras**. V. 15. N; 27. Jul/dez, p. 173-188, 2013.
- CAMACHO, R. G. A variação linguística. In: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o segundo grau**. São Paulo: CENP, Secretaria do Estado da Educação, 1978. Vol. 4. p. 29-34.
- COELHO, Paula Maria Cobucci Ribeiro. **O tratamento da variação linguística nos livros didáticos de português**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2007.
- CONCEIÇÃO, R. B. da.; PEREIRA, T. C. Avaliação de políticas que orientam o ensino da variação linguística. **Web Revista SOCIODIALETO**, [S.l.] v. 8, n. 23, p. 65-79, jun. 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/23793/19296>. Acesso em 15 ago. 2022.
- DELMATO, Dileta; CARVALHO, L. B. **Português: conexão e uso, 9º ano**. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2018.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FONSECA, A. P. M.; ALMEIDA, T. M. S. Sequência didática no ensino de leitura e produção de textos no Ensino Médio: viabilizando estratégias de letramento literário e de multiletramentos. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 51-61, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://revistascientificas.ifrj.edu.br/revista/index.php/celte/article/view/1981/pdf>. Acesso em 15 ago. 2022.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Y. L. S. **Crenças e variação linguística: uma abordagem sistêmica na perspectiva da complexidade**. Teresina: EDUFPI, 2015.

JÚNIOR, R. N. S.; ROWEDER, C. Contribuições da sociolinguística educacional no conteúdo de variação linguística nos cursos integrados do IFAC. **Revista Conexão na Amazônia**, v. 2, n. 1, p. 28-45-28-45, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ifac.edu.br/index.php/revistarca/article/view/11>. Acesso em: 15 ago. 2022.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

Ludke, Marli E.D.A. André. **Pesquisa em educação abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARCUSCHI, L. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Org.). *In: O livro didático de português: múltiplos olhares*. 3. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 21-34.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. Secretaria de Educação Básica. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2019: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 2019. Disponível em: [https://pnld.nees.ufal.br/pnld\\_2019/inicio](https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2019/inicio). Acesso em 15 ago. 2022.

MARINHO, J. H. C.; COSTA, Val, M. G. **Variação linguística e ensino**. Belo Horizonte, CEALE, 2006.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo. SP: Contexto, 2003. p. 09-14

OTA, I. A. da S. **O livro didático de língua portuguesa no Brasil**. Educar, Curitiba, 2009, n. 35, p. 217-220, Editora UFPR, 2009.

PNLD. **Portal MEC**. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>>. Acesso em: 1 de mar. de 2023.

RAMOS, S. M.; SILVA, N. Í. da. O tratamento da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular. Sala 8: **Revista Internacional em Políticas, Currículo, Práticas e Gestão da Educação**, v. 1, n. 2, p. 84-102, 2022. Disponível em:

<https://www.revistasalaoito.com.br/article/doi/10.29327/235555.1.2-6>. Acesso em: 15 ago. 2022.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

TRAVAGLIA, L. Letramentos e conhecimento linguístico. **Letras & Letras**. v.31, n.3, jul/dez., 2015.

VIEIRA, S. R. **Gramática, variação e ensino: diagnose e proposta pedagógicas**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2018.